



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

FERNANDA SOARES FIGUEIREDO

**A LITERATURA DE CORDEL COMO REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM
MEDIEVALESCA NO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE TEXTOS ARCAICOS E CORDÉIS TRADICIONAIS**

**CAMPINA GRANDE/PB
2020**

FERNANDA SOARES FIGUEIREDO

**A LITERATURA DE CORDEL COMO REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM
MEDIEVALESCA NO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE TEXTOS ARCAICOS E CORDÉIS TRADICIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Departamento do Curso Letras-
Língua Portuguesa da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduação em Licenciatura Plena em
Letras Português.

Área de concentração: Linguística histórica

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

**CAMPINA GRANDE/PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F475I Figueiredo, Fernanda Soares.

A literatura de cordel como representação da linguagem medievalesca no nordeste brasileiro [manuscrito] : análise comparativa entre textos arcaicos e cordéis tradicionais / Fernanda Soares Figueiredo. - 2020.

46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura de cordel. 2. Arcaísmo. 3. Léxico. 4. Linguagem. I. Título

21. ed. CDD 398.5

FERNANDA SOARES FIGUEIREDO

A LITERATURA DE CORDEL COMO REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM
MEDIEVALESÇA NO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE
TEXTOS ARCAICOS E CORDÊIS TRADICIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras- Língua Portuguesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Licenciatura Plena em Letras Português.

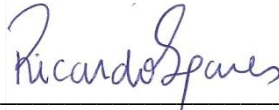
Área de concentração: Linguística histórica

Aprovada em: 21/09/2020.

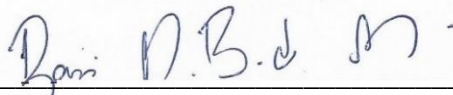
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão (Orientador) **Nota: 10.0**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva **Nota: 9.5**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Mello **Nota: 10.0**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, centro da minha vida!

E aos meus pais, Maria Sônia e Antônio, por serem símbolo de força e determinação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus, fonte de todas as graças, por ter me dado forças para continuar nos momentos difíceis, sendo meu porto seguro e serenidade nas atribuições.

À Nossa Senhora, minha mãezinha, por me amparar em seu colo protetor, cuidando sempre de mim.

Ao prof. Dr. Rinaldo Brandão, meu orientador. Um ser humano admirável, digno de todo meu respeito e gratidão, não só por sua disponibilidade, ensinamentos e contribuições neste trabalho depositado, mas, de forma especial, pelo carinho e paciência dispensada.

Aos meus pais, Maria Sônia e Antônio, por acreditarem no meu sonho, pelo encorajamento diário e por serem meu exemplo de vida.

Aos meus queridos irmãos, Elaine, Eirilânia, Fábio e Flávio, que mesmo sem entender, muitas vezes, os sacrifícios que fiz por amor aos estudos me apoiaram e me cercaram de amor. Agradeço, de modo particular e especial, a minha irmã caçula, Sabrina, por ser luz, força e coração durante toda minha história acadêmica.

Aos meus sobrinhos, Caio, Allany Mikaelly, Hana Beatriz, Emanuel e Anny Maria, por me fazerem sorrir em meio à angústia e cansaço de uma noite mal dormida, por causa da exaustão de uma graduação.

Ao meu amor, Leandro, pela confiança, compreensão, amor e apoio em todos os momentos, sobretudo, na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos de vida, Thays, Raquelly, Itamara, Iolanda, Jailma e Beg, por estarem sempre comigo me dando força e me incentivando a seguir sempre em frente quando quis desanimar.

Ao meu amigo Binho, um irmão que Deus me presenteou, por todo carinho, amizade e pela frase que incansavelmente repetia: eu acredito na sua vitória.

Ao meu girassol, Cecília, que com toda sua ingenuidade dos seus três aninhos, orou pelo sucesso do meu TCC. Obrigada por ser tanta luz na minha vida.

A todos os meus amigos do trabalho, em especial, Wallyson, Clau e Edvânia, por todas as palavras de carinho e encorajamento proferidas a mim.

As minhas amigas Edna, Juliana e Bela, por nos momentos doloridos, angustiosos e difíceis estarem comigo, dividindo lágrimas, dores e arrancando-me gargalhadas. Com vocês tudo foi superado e encarado com mais leveza.

Aos meus amigos de curso e de vida, Raquielle, Jeniffer, Anne, Kamilla, Josenilda, Eduardo, Railma e Jéssica por me alegrarem, escutarem minhas lamúrias e por saberem lher dar com meu nervosismo, segurando a minha mão e me impulsando a vencer todos os meus obstáculos e medos. Obrigada por existirem em minha vida.

Aos demais colegas de sala pelos conhecimentos compartilhados e pelos anos de experiência que passamos juntos.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, sobretudo, aos do meu curso de Letras.

À banca examinadora, por ter aceitado o convite, pelas contribuições e sugestões que foram de extrema importância para finalização desse trabalho.

E, por fim, agradeço a todos aqueles, que embora não nomeados, fazem parte da minha vida e torceram pela concretização de um sonho: *ueni, uidi, uici - vim, vi e venci* (Júlio César).

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo comparar, em termos lexicais, a linguagem nordestina e o português medieval em textos arcaicos e cordéis tradicionais do Nordeste, a fim de denotar vocábulos que ainda estão em uso na linguagem nordestina. Utilizou-se o método comparativo analista, através de suporte bibliográfico e documental. Para atingir tal objetivo, nomes e verbos foram selecionados, na linguagem arcaica de textos medievais e nos cordéis, a fim de corroborar com a hipótese de que há traços conservadores no português brasileiro. Para tanto, o *corpus* de análise foi coletado a partir de duas *cantigas trovadorescas*, compreendidas entre o século XII-XIII, das obras: *Orto do Esposo* (MALER, 1956), documentada em transição do século XIV e XV, *A Demanda do Santo do Graal* (MAGNE, 1944), datado no século XV, e dezesseis cordéis tradicionais, compreendidos entre o século XIX e XX. Visando atender o propósito da pesquisa, o suporte teórico foi fundado a partir de textos de Marroquim (1934), Teyssier (1997), Ilari (2012), Lagares (2012) dentre outros, uma vez que forneceram subsídios relevantes para o desenvolvimento da análise histórico-comparativa entre o português medieval e o português brasileiro. A contextualização acerca da história e origem da literatura de cordel foi embasada em Vassallo (1993) e Proença (1982), dentre outros. Do ponto de vista da análise comparativa, constatou-se que a linguagem brasileira, particularmente, a variação nordestina, conserva resquícios do português arcaico, aqui denotada na literatura cordelística.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Arcaísmo. Léxico. Linguagem.

ABSTRACT

This work aimed to compare, in lexical terms, the northeastern language and medieval Portuguese in archaic texts and traditional Northeastern cords, in order to denote words that are still in use in the northeastern language. The analytical comparative method was used, using bibliographic and documentary support. To achieve this goal, names and verbs were selected, in the archaic language of medieval texts and in the strings, in order to corroborate the hypothesis that there are conservative traits in Brazilian Portuguese. To this end, the corpus of analysis was collected from two *troubadour songs*, comprised between the 12th and 13th centuries, from the works: *Orto do Esposo* (MALER, 1956), documented in transition from the 14th and 15th centuries, *The Demand of the Saint of Grail* (MAGNE, 1944), dated in the 15th century, and sixteen traditional cords, between the 19th and 20th centuries. In order to meet the purpose of the research, the theoretical support was founded from texts by Marroquim (1934), Teyssier (1997), Ilari (2012), Lagares (2012) among others, since they provided relevant subsidies for the development of the analysis historical-comparative between medieval Portuguese and Brazilian Portuguese. The contextualization about the history and origin of cordel literature was based on Vassallo (1993) and Proença (1982), among others. From the point of view of comparative analysis, it was found that the Brazilian language, particularly the northeastern variation, retains traces of ancient Portuguese, here denoted in the cordelistic literature.

Keywords: Literature of twine. Archaism. Lexicon. Language.

LISTA DE QUADROS

Quadro I- pares de vocábulos	33
Quadro II- vocábulo “minino”	34
Quadro III- vocábulos “milhor” e “milhores”	35
Quadro IV- vocábulo “pidindo” e “recibido”	35
Quadro V- vocábulo “custume”	36
Quadro VI- vocábulos “crecer” e “decer”	36
Quadro VII- vocábulos “ajuntar” e “alumea”	37
Quadro VIII- vocábulo “preguntar”	38
Quadro IX- vocábulo “despois”	38
Quadro X- vocábulo “Derradeyro” e “queentura”	39
Quadro XI- vocábulo “valha”	40
Quadro XII- vocábulos “parelha” e “benquisto”	40

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	10
2 COLONIZAÇÃO, MEMÓRIA E CORDEL: REFLEXÕES TEÓRICAS.....	12
2.1 A COLONIZAÇÃO DO BRASIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	12
2.2 A IMPORTÂNCIA DA REGIÃO NORDESTE NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	15
2.3 LITERATURA DE CORDEL: MEMÓRIA DA CULTURA MEDIEVAL NA CULTURA NORDESTINA.....	20
2.4 O LÉXICO DA LINGUAGEM NORDESTINA: VESTÍGIOS DE UM PORTUGUÊS ARCAICO	25
3 ANÁLISE COMPARATIVA: TEXTOS ARCAICOS E CORDÉIS TRADICIONAIS DO NORDESTE	29
3.1 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA E VOCÁBULOS SELECIONADOS..	29
3.2 PROCESSO COMPARATIVO: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Estudar como se desenvolveu a constituição do português brasileiro não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando se utiliza como fonte de pesquisa textos em português arcaico. Estabelecer uma aproximação, em termos comparativos, entre esses textos e os cordéis da tradição literária popular nordestina pode possuir um caráter de ineditismo, para não dizer de inusitado. Contudo, o presente estudo não pretende desenvolver de forma ampla essa aproximação, muito menos esgotar a complexidade da questão e os matizes dos estudos históricos da formação do português brasileiro, pleiteia apenas contribuir modestamente para sua discussão, principalmente ao se levar em consideração a própria natureza moderada da pesquisa, nas proporções do que cabe em um TCC.

O português arcaico possui um campo lexical muito particular, transmutado no séc. XVI a partir das obras de Camões, forneceu à língua portuguesa um vocabulário clássico “requintado”, que aos poucos foi absorvido por escritores ulteriores e pela própria população, cada vez mais escolarizada. No entanto, alguns traços característicos do português arcaico podem possuir similaridades em comparação ao português brasileiro, particularmente à variação nordestina, denotando uma característica conservadora da formação da nossa língua brasileira. Pensando nisso, ao agregar esta temática no nosso campo da pesquisa, vislumbrou-se contornos significativos, pois ainda são poucos os estudos na literatura da linguística histórica-comparativa abarcando a literatura popular e sua importância como bem cultural e histórico. A partir dessa perspectiva, a pesquisa esforça-se em desenvolver, instigar e contribuir para a construção e a soma de novos saberes.

Em vista disso, esta pesquisa se classifica, metodologicamente, como bibliográfica, a partir de um suporte documental. Com isso, foram utilizadas as seguintes obras literárias: duas *cantigas trovadorescas*, escritas entre o século XII-XIII, o *Orto do Esposo* (MALER, 1956), escrita entre o século XIV e XV, *A Demanda do Santo do Graal* (MAGNE, 1944), documentada no século XV, em paralelo com diversos cordéis tradicionais do Nordeste brasileiro, incluindo autores pioneiros e da segunda geração de poetas, compreendidos entre o século XIX e XX. Para tanto, inicialmente, foi realizada uma leitura investigativa em todo o *corpus* selecionado, coletando igualmente cerca de dezessete arcaísmos linguísticos nas obras pertencentes aos escritos da idade média e nos cordéis abordados nessa pesquisa a nível comparatista.

Para fins de investigação e pesquisa, a partir de um método comparativo, pretendeu-se comparar textos arcaicos, sobretudo os do final da Idade Média portuguesa, séculos XIV e XV, e alguns cordéis tradicionais do Nordeste brasileiro, que apresentaram vestígios de

conservadorismo da linguagem, trazidos pelos colonizadores a partir de 1500. O objetivo geral da pesquisa foi denotar vocábulos (nomes e verbos) arcaicos que ainda estão em uso na linguagem nordestina. Tal método comparativo nos suscitou fazer escolhas em fontes diversas para constatar as semelhanças entre as curvas do processo evolutivo do português brasileiro e, dentro do possível, explicá-las.

Desse modo, em estrutura, este trabalho apresenta-se nas seguintes etapas: inicia-se traçando uma breve consideração sobre a metodologia da pesquisa, estabelecendo seus objetivos. Na sequência, apresenta-se a fundamentação teórica subdividida em quatro tópicos: o primeiro tece considerações sobre o processo histórico da colonização do Brasil; o segundo aborda considerações acerca da importância da região nordeste neste processo; o terceiro traça ponderações a respeito da literatura de cordel nordestina e sua relação com a cultura medievalista; e o quarto corresponde diretamente a reflexões sobre a lexicologia da linguagem nordestina, apontando vestígios de um português arcaico. Em seguida, realizamos a discussão analítica comparativa entre os textos arcaicos e os cordéis tradicionais, vislumbrando as convergências em termos de léxico. Por fim, estabelece-se as considerações finais e as fontes consultadas para embasar esta pesquisa.

2 COLONIZAÇÃO, MEMÓRIA E CORDEL: REFLEXÕES TEÓRICAS

Este capítulo tem como objetivo inicial tecer reflexões teóricas sobre o processo histórico da colonização do Brasil, denotando conjuntamente a relevância da região Nordeste neste processo, bem como suas consequências para a formação do Português brasileiro. Foram discutidas também algumas ponderações sobre a literatura de cordel e sua relação com a cultura medieval, e, por fim, foram apontados aspectos do português arcaico na linguagem nordestina.

2.1 A colonização do Brasil: breve contextualização.

No século XII, durante o período da Reconquista Cristã, Portugal torna-se um reino independente separando-se do reino de Leão e da região da Galícia. Essa separação favoreceu a expansão de seus domínios em direção ao sul da Península Ibérica, levando consigo o galego-português, romance¹ inicialmente falado no condado portugalense e no da galícia. Aos poucos o galego-português vai recobrando todo o território em direção ao sul e, em meados do século XIV, dado o contato com os povos moçárabes, vai cada vez mais distanciando-se dos seus traços linguísticos originários, sofrendo alterações e transformando-se numa nova língua, a portuguesa.

Independente politicamente e com o crescente desenvolvimento, Portugal continua expandindo seus domínios e conquistando novos territórios além mar, dentre suas conquistas estão algumas regiões da África, da Ásia, da Oceania e da América. Os colonizadores vinham de todas as regiões de Portugal e, por volta do século XVI, começava a surgir, a partir do português trazido pelos colonizadores, uma nova modalidade da língua: o português brasileiro.

O período histórico conhecido como as “grandes navegações” inaugurou a expansão dos povos europeus pelo mundo. O português chega no território brasileiro no ano de 1500, no entanto, o processo de colonização portuguesa do Brasil se deu apenas a partir de 1532 com a atribuição das quinze capitanias hereditárias. Criadas por D. João III, tratava-se de um sistema administrativo que tinha como objetivo povoar e administrar a colônia, explorando-a economicamente. Nesse intervalo de tempo, os portugueses realizaram poucas ações, entre elas estão a nomeação de algumas localidades no litoral e a coleta do pau-brasil, principal negócio português de interesse comercial.

Ao desembarcar no território brasileiro, os portugueses se defrontaram com povos nativos, chamados de povos indígenas, o que propagou um choque de cultura e de língua. Foi

¹ A palavra romance vem de origem latina e refere-se a expressão *romanice fabulare que* significa “falar à maneira dos romanos”, tal maneira aludia a dialetalização do latim em núcleos linguísticos, dentre eles estava o galego-português (CARDEIRA, 2006, p. 30).

criada a Língua Geral de base Tupi, pelos jesuítas, como meio de comunicação e catequese. Mais tarde, com o crescente tráfico de negros vindos dos territórios africanos, a diversidade linguística intensificou-se. Esse convívio linguístico e choque cultural entre portugueses, indígenas e africanos foi um dos fatores que contribuíram para a formação do português brasileiro, tendo como marco principal a Lei do Diretório Nacional do Marquês de Pombal, que proibia a Língua Geral e excluía os jesuítas do processo de educação, considerado ultrapassado e obsoleto. Outros fatores de difusão e propagação da língua portuguesa no Brasil também contribuíram para a consolidação do português no Brasil, como a chegada da coroa portuguesa em 1806. Já no final do século XIX, a imigração de estrangeiros causou a dialeção do português brasileiro na região Sul e em partes da região Sudeste. Foram muitas as causas de um distanciamento cada vez mais crescente entre o português falado no Brasil em relação ao de Portugal.

Durante o período colonial, as três bases que constituem a população brasileira são: o português europeu, o índio e o negro. Tais bases são responsáveis por fornecer grandes contribuições econômicas, culturais, políticas e, sobretudo, linguísticas. Com relação à situação linguística do Brasil, nesse período, segundo Teyssier (1997, p. 94), pode ser simplificada da seguinte forma:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum (TEYSSIER, 1997, p. 94).

Nesse contexto, pode-se inferir duas línguas de comunicação, a portuguesa, que era usada na administração da colônia e, conseqüentemente, nos contatos com a metrópole e uma língua simplificada de base tupi. A *língua geral* era utilizada pelos bandeirantes durante as expedições, tornando-se, desta forma, o idioma mais falado no que se refere ao Brasil colônia. Essas duas línguas estiveram durante um bom tempo interligadas e caminharam lado a lado.

É sabido que, quando o Brasil foi descoberto, já viviam nele povos nativos, especificamente, os indígenas, os quais falavam aproximadamente 340 línguas. Devido à diversidade linguística dos indígenas, os portugueses viram a necessidade de aprender e utilizar essas línguas e, com a criação da língua geral, encontraram o meio de sobreviver e impor seu domínio aos nativos. Sobre a língua geral, Ilari (2012, p. 62) explicita que

Fale-se em línguas gerais, no contexto da colonização, sempre que os conquistadores, ao encontrarem nas terras conquistadas várias línguas diferentes entre si, forçam as populações submetidas a adotar, no contato com os colonizadores, uma única língua

entre as efetivamente faladas, ou uma língua artificial, que é uma mistura dessas línguas (ILARI, 2012, p. 62).

A partir do excerto, percebe-se que o uso da língua geral no território brasileiro foi o meio que os colonizadores encontraram de dominar os povos nativos, pois como Ilari (2012) pontua, a política das línguas gerais inviabiliza a diversidade linguística existente no território dominado e concretiza uma mais uma forma de dominação dos povos vencidos. Assim, devido à diversidade linguística, houve a necessidade de criação de uma língua geral, que durante um bom tempo, foi a língua de contato entre os povos. Mas, em 1757, com a aplicação do decreto Pombalino foi proibido o seu uso no contexto escolar, impondo o português como língua do ensino na colônia. O objetivo de sua implantação era integrar os índios na sociedade portuguesa. Posteriormente, não se sustentou mais como língua falada e entrou em declínio, sendo inclusive proibida como língua de contato, em 1757, com a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa como língua oficial.

Sabe-se que, além dos povos indígenas, havia um intenso tráfico de escravos africanos, uma atividade extremamente rentável para vários países europeus. Do ponto de vista linguístico, a influência africana no território brasileiro tem forte contribuição, fazendo com que estudiosos levantem a hipótese que a formação do português do Brasil tenha também uma origem crioula. O processo de criouliização² do português teria ocorrido quando esses povos foram trazidos ao Brasil como mão de obra escrava, isto é, tal processo é quando uma população é trazida de uma região à outra, entrando em contato com uma língua de potência colonial. Devido ao tráfico intenso e o abrutamento de línguas mistas, os portugueses, com o intuito de negatizar a cultura e a língua desses povos, optam por separá-los em capitânicas diferentes, a fim de enfraquecê-los e impor sua própria cultura e língua, tornando também seus senhores, aplicando aos escravos africanos a mesma política das línguas gerais.

Nesse contexto, mediante a situação histórica do Brasil, as pesquisas realizadas em torno da formação do português brasileiro apontam duas hipóteses principais que se repelem: a crioula e a interna. A primeira, crioulista, parte do pressuposto que a língua falada no Brasil se deriva do contato com as línguas indígenas e africanas, e a segunda, a internalista, por sua vez,

² As línguas crioulas faladas pelos escravos africanos surgiram para promover a comunicação entre os próprios africanos, uma vez que, os portugueses, temendo perder o domínio sob esses povos, separou-os em comunidades diferentes, misturando as tribos e, conseqüentemente, impedindo a comunicação entre eles. Dentro das comunidades e das senzalas ocorria, então, um choque de multilinguismo, as diversas etnias que passaram a conviver conjuntamente eram obrigadas a defrontar com línguas distintas entre si. Assim, escolhia-se uma língua que fosse majoritária e criava-se uma linguagem simplificada, preservando elementos de cada idioma para que todos pudessem se entender. Dessa forma, surgia o crioulo, um dialeto de comunicação.

defende a ideia de que o português brasileiro é apenas uma continuação do português arcaico, sofrendo alterações que obedecem a fatores culturais (LAGARES, 2012, p. 25-26). Partindo da ótica da hipótese internalista, o português europeu teria, portanto, seguido uma direção distinta do desenvolvimento do português arcaico no transcorrer do século XVIII.

Esse distanciamento foi se acentuando à medida que foi ocorrendo o avanço da colonização no território brasileiro. Sabendo que o processo de colonização brasileira se dá pelo litoral, com caráter estritamente exploratório, configura o país em uma colônia de exploração agrícola, de maneira rentável, até a descoberta do ouro. E, dessa maneira, o Brasil vai se formando política e economicamente devido às atividades que vão se desenvolvendo no território. Dentre as regiões que constituem o Brasil, uma destaca-se e tem grande importância dentro da colonização e da formação do país, a região Nordeste. O Nordeste brasileiro inicialmente serviu para retirada de produtos naturais, o pau-brasil, e posteriormente o cultivo da cana-de-açúcar, principal atividade comercial baseada no sistema colônia-metrópole durante o século XVI e XVII.

No entanto, à medida que a colonização portuguesa praticada no Brasil vai avançando território adentro, o Nordeste vai ganhando novos contornos e obtendo transformações que o particulariza das demais regiões brasileiras. Parte dessas particularidades surgem como resultado direto da colonização, a partir dos traços linguísticos dos primeiros períodos de colonização, ainda fortemente marcado por um português arcaico e hábitos e costumes da cultura Ibérica medieval, mas também a gênese da formação de uma linguagem a partir do contato com o indígena e o negro.

Segundo Castilho (2017) “(...) os contactos lingüísticos com índios, africanos e as línguas de migração, a intensa urbanização do país e o avanço da fronteira agrícola, misturando os falares sulistas aos nordestinos, tiveram como grande resultado provavelmente a manutenção do Português Arcaico do séc. XV (...)”. A vista disso, denota-se, na linguagem nordestina, herdeira direta da língua dos colonos, vestígios do português arcaico encontrados, sobretudo, no eixo lexical e sintático. Sendo assim, na sequência relataremos a importância do Nordeste no contexto da colonização e sua influência para a formação do português brasileiro.

2.2 A importância da região Nordeste no contexto da colonização e suas consequências na formação do português brasileiro.

Ao adentrar no contexto da colonização, especificamente da região Nordeste, é necessário primeiramente situar sua situação geográfica e posteriormente a situação linguística

desde o início do Brasil-colônia. A região Nordeste sempre teve um papel importante para o país, pois foi através dela que se iniciou a colonização brasileira pelos portugueses, sendo pelo litoral que esse processo ocorreu.

Em um primeiro momento, a colonização da região tinha um caráter exploratório, que se caracteriza pela extração do pau-brasil, favorecendo a coroa portuguesa em muitas riquezas. Depois, com o sistema de capitanias, ganha forte relevância economicamente através do plantio da cana-de açúcar. Segundo Bernardes (2007, p. 45), “o complexo econômico instalado nas novas terras possuía algumas características que devem ser assinaladas: a união da produção agrícola, a produção da cana, com uma estrutura de sua transformação em um novo produto, o açúcar”. Assim, este novo produto tornou-se a principal fonte de renda dos europeus, fazendo dessas novas terras uma inesgotável fonte econômica.

O perfil geográfico do Nordeste no período colonial esclarece alguns fatores de sua história, os quais contribuíram para a sua formação. Bernardes (2007, p. 48) refere-se a dois fatores correlatos importantes, um de ordem econômica e outro político-institucional, respectivamente temos: (1º) a forte influência exercida por Pernambuco, uma vez que, compreendia a área do estado de Alagoas até o Ceará, abrangendo um espaço que ia além das fronteiras estabelecidas pelas capitanias; (2º) e o título de capitania geral que manteve durante muitos anos, dava-lhe plenos poderes sobre as capitanias anexas do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, o que resultava em solidariedades ou oposições entre as várias capitanias. O autor ainda pondera que “além dessa estrutura política, um fator que pesou na gradual formação de solidariedade e identidade regional foi a criação da diocese de Olinda, cuja jurisdição ia do Ceará até parte do território de Minas Gerais” (BERNARDES, 2007, p.49).

Dessa forma, ia se constituindo uma numerosa população europeia nessa região devido ao bom desenvolvimento comercial, que aos poucos se solidificava, principalmente, por causa da produção da cana. Olinda ganhava destaque por seus belos templos, incluindo o colégio dos jesuítas, onde se ensinava as belas letras, tanto aos pernambucanos quanto aos índios que demonstravam algum talento. Além disso, em questão de espacialidade detinha mais de vinte engenhos de açúcar, compreendendo estabelecimentos desde Olinda até o rio de São Francisco (MARROQUIM, 1934).

Na historicidade do território nordestino, o Rio São Francisco é uma peça fundamental no que se refere ao manejo das exportações. É em suas margens que começa a ser realizada a produção pecuária, considerando que o litoral era ocupado pela produção da cana de açúcar. Marroquim (1934) salienta também que, além da lavoura da cana, existia uma intensa criação de gado. Sendo importante para o trabalho dos engenhos, esta prática se sobressai em Alagoas.

Isso irradiava a expansão do território nordestino e atraía cada vez mais colonos de outras capitanias, por causa da fertilidade do solo e da exploração econômica nesse lugar.

Vale salientar que, nessa época, o Brasil era estritamente rural, os colonos não estavam preocupados de imediato com a construção de espaços urbanos, seu alvo maior estava voltado apenas para a exploração das riquezas da terra, concomitantemente, outro ponto fundamental é sobre a linguagem que chegava nessas regiões há pouco colonizadas. A língua que chegava no Nordeste era a língua falada pelos artistas, ferreiros, pedreiros, marceneiros, ou seja, pessoas trazidas para suprir as necessidades dos engenhos de açúcar e que se fixavam na mata pernambucana. Isso implica que a linguagem que foi aos poucos se transformando no Brasil era diferente do português requintado de Portugal, tratava-se de um português mais popular. Mais tarde, quando a urbanização entra em cena, os falantes vão sofrendo transformação conforme o nível sociocultural de cada um, contribuindo para a formação de um português padrão (CASTILHO, 2017).

Há, portanto, uma diversidade linguística que se caracteriza pela distinção sociocultural de cada indivíduo. Enquanto nas grandes metrópoles a evolução linguística progredia devido ao influxo das escolas e do fluxo migratório, no litoral os colonos que viviam isolados nos engenhos conservavam ainda a linguagem trazida no início da colonização. Em consonância com essa afirmativa, Marroquim (1934, p. 136) assevera que esses falantes “(...) conservaram em sua linguagem o tipo de origem, trazido pela primeira colonização, quando a língua portuguesa ainda não fôra alcançada pela febre transformadora da Renascença e do eruditismo greco-latino”. Segundo Teyssier (1997, p. 97), foi com a eclosão e o avanço econômico que o antigo Brasil eminentemente rural transformou-se num subcontinente, isso porque as zonas mais desenvolvidas convivem com as subdesenvolvidas, sendo portanto, nas grandes megalópoles de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, que se elabora, a forma particular de português que é a língua oficial do Brasil. Dessa forma, pode-se dizer que os diferentes dialetos que existem no Brasil são frutos do perfil geográfico e do nível social e cultural dos povos.

Com a descoberta do ouro nas regiões das Minas Gerais, no final do século XVII, surgem novas capitanias, a do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas. A noção de espacialidade ganhou novos trajetos, surgindo assim nova organização administrativa da colônia. Com isso, a expansão territorial foi ganhando uma nova proporção e a exploração do ouro contribui de forma direta para um novo ciclo comercial. Com o estabelecimento da capital no Rio Janeiro, houve um deslocamento no eixo político-econômico da colônia para o Sul-Sudeste, fato que conseqüentemente contribui para um gradual fluxo populacional do país nas regiões adentro e não apenas no litoral, como era feito até então. O Ciclo do Ouro é um fator

importante não só pela proporção de espacialidade que ganhou o Brasil, mas também pelo desenvolvimento cultural que se propagou nessa época, composta por artistas, artesãos, poetas e intelectuais, diferenciando-se dos grupos populacionais que chegaram no litoral nordestino.

Com essa exploração nas fronteiras do país, são vários os impactos regionais. A ação dos bandeirantes na busca desenfreada pelo ouro no interior do Brasil influenciou linguisticamente diversas regiões e seus vestígios são percebidos até hoje. Com o fim da exploração do ouro, algumas cidades permaneceram isoladas, mantendo a variante linguística do período colonial. Esse isolamento socioeconômico, que fez com que muitos traços linguísticos arcaizantes se enraizassem na fala do nordestino, afetou também outras regiões brasileiras, fazendo com que o português brasileiro se diferenciasse do português de Portugal, que continuou a tomar seu curso, distanciando-se aos poucos do nosso.

Alguns estudiosos dedicam-se a investigar a presença de traços linguísticos rurais na linguagem oral, com a finalidade de detectar alguma interferência linguística deixada pelos bandeirantes. Uma pesquisa comandada por Heitor Megale³, entre 1998 e 2003, comprovou que palavras como *despois* (século 15 e 16) e *preguntar* (século 17) ainda viviam no dialeto sertanista, evidenciando a permanência de uma linguagem falada pelos colonos no início da colonização e denota vestígios de uma língua arcaica. Nos falares nordestinos é imprescindível não notar uma herança arcaica em sua linguagem, sobretudo, na oralidade. Tal herança resulta de um português falado no final da Idade Média (séc. XV sobretudo), correspondente a um período anterior à modernização do português europeu, devido à influência do Classicismo do século XVI, que em Portugal confluiu para o surgimento das primeiras gramáticas, a retomada dos textos da Antiguidade Clássica, e a consagração do português europeu com as publicações das obras de Camões, que se tornaria grande modelo literário a se propagar como padrão culto de escrita. Mas no Brasil, segundo Marroquim (1934, p. 139) o matuto nordestino preservou “(...) em sua linguagem, expressões que se arcaizaram na língua culta. Essas reminiscências constituem a primeira das fontes originárias do seu dialeto”. Essa assertiva nos mostra que o português brasileiro se desenvolveu do português medieval, pois preserva uma língua que em Portugal passou a não mais existir.

Com isso, visando o modo particular do português brasileiro a partir dos traços linguísticos herdados dos colonizadores portugueses, é possível evidenciar traços

³ Que resultou no livro: MEGALE, Heitor & TOLEDO NETO, Sílvia de Almeida (orgs). *Por minha Letra e Sinal. Documentos do Ouro do Século XVII*. Cotia, São Paulo, 2006. Conferir também a matéria da revista “Língua Portuguesa”: *Na trilha dos bandeirantes. Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento, nº 1, 2005.

característicos do português medieval. É notório que a região nordeste apresenta um perfil diferente de muitas regiões brasileiras, linguisticamente e culturalmente falando. No aspecto cultural, segundo Bernardes (2007, p. 41-42) “(...) as imagens do Nordeste, dentro e fora da região estão cada vez mais marcadas pelas manifestações da chamada cultura popular: maracatu, bumba-meu-boi, reisado, chegança, frevo, caboclinho, literatura de cordel, xilogravuras, rabequeiros, ciranda, pastoril entre outros”. Com aspectos culturais peculiares e diversificados, uma vez que foram influenciados por povos indígenas, africanos e europeus, referenciam uma riqueza cultural presente em um cenário marcado cronologicamente como a primeira região explorada economicamente e colonizada pelos portugueses. Essa influência designa o modo particular do povo nordestino na cultura, na religião, na literatura e na linguagem.

Na formação de uma língua, a influência cultural tanto da língua do colonizador quanto a ação dos substratos formam um fator essencial para o processo de composição do léxico linguístico de uma determinada comunidade. Com base no fator cultural, na historicidade do período colonial, a cultura popular nordestina, no que diz respeito à poética da literatura de cordel, contém forte ligação com a cultura medieval europeia, especificamente no que se refere às manifestações cavaleirescas, à prosa religiosa e às cantigas trovadorescas. No que diz respeito a essas últimas, as cantigas medievais possuem um teor de influência maior, uma vez que os trovadores cantavam seus poemas, por exemplo, sobre histórias heroicas, aventuras e amores, tal como nos cordéis que possuem características rimadas e cantados, relatando também sobre histórias de seus heróis e amores.

A literatura de cordel, uma manifestação artística de cunho popular, atravessou fronteiras e conquistou o gosto do povo brasileiro. No Nordeste, “[...] por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região” (DIEGUES JUNIOR, 1986, p. 40). Um aspecto primordial nos cordéis é o modo como é empregada a linguagem, a qual mantém um forte elo com a fala coloquial influenciada pelas narrativas tradicionais orais. Assim, percebe-se uma interação entre o oral e o escrito e é essa interação que torna a literatura de cordel tão peculiar ao Nordeste, ao mesmo tempo que se admite um cotejo com a literatura medieval.

“Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam (...) relacionados à sua semelhança portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII” (GALVÃO, 2001, p. 20). Desse modo, evidencia-se que a literatura de cordel está no território brasileiro desde o início do seu descobrimento, nos remetendo a um contexto histórico

muito antigo, em que se destaca as narrativas e poesias portuguesas. Nisso, o Nordeste brasileiro adquire traços de memória e identidade europeia e compactua com narrativas heroicas influenciadas pela cultura medieval, dentre suas histórias cordelísticas são tratados temas que envolve um amor cortês (conquista de uma donzela), a religiosidade mediante o pensamento rural sobre a devoção pelos santos, por exemplo. Esses aspectos registram na cultura popular nordestina vestígios do cenário europeu ressignificado, sobretudo, na literatura de cordel.

Portanto, os cordéis carregam uma linguagem singular, que o diferencia de tantos textos literários. Neles perpassam diversas temáticas, além de conter um forte teor religioso, que atravessou os mares e permanece até os nossos dias. Com base nisso, a seguir será contextualizado a relação do cordel com a cultura medieval, presente na prosa e na poética de textos arcaicos, a fim de evidenciar similaridades com a cultura nordestina.

2.3 Literatura de cordel: memória da cultura medieval na cultura nordestina.

Quando pensamos em literatura de cordel produzida no Brasil é comum associá-la à literatura de cordel ibérica, seja pela sua divulgação em feiras e praças públicas ou por retomar temáticas abordadas nas produções ibéricas de origem popular e erudita. Assim, é possível observar um diálogo intrinsecamente marcado pela cultura medieval, a qual contribui de forma significativa para a formação da cultura brasileira. Esses sinais de medievo são, sobretudo, encontrados em múltiplas expressões do povo nordestino, arraigados e embebecidos de uma tradição arcaica. Ao retomar tais sinais, adquiririam novos traços. O contato prolongado com o colonizador fortalece uma cultura secular ibérica, por muitos anos, principalmente na literatura de cordel.

Com a vinda do colono português às terras brasileiras, especialmente ao litoral nordestino, a literatura de cordel encontrou terreno propício para fixa-se e expandir-se dado ao favorecimento de aspectos sociais e culturais presente na região, dentre eles: o aparecimento de cangaceiros, a devoção pelos santos e o prolongamento de secas. Tais aspectos serviram de base e são referência até hoje para os artistas, fomentando uma diversidade temática que favorece a criação de uma literatura popular própria. Dentre os temas abordados pelos poetas, os mais frequentes são: romance, valentia, gracejo e encantamento (histórias de fadas e bruxas, por exemplo).

No que se refere à cultura popular e à erudita é importante pontuar que a apreciação da tradição cultural não estava subordinado à classe social, uma vez que a literatura popular contava com um público misto, ou seja, consumida por todos, ao contrário da erudita, a qual era destinada apenas para elite. Sobre isso Vassallo (1993, p. 46) nos diz que:

Nos inícios da Europa moderna existiam duas tradições culturais: a grande e a pequena. Não correspondiam simetricamente à elite e ao povo comum, pois o primeiro grupo participava de ambas, ao contrário do último. A grande tradição era transmitida de modo formal e fechado, nas escolas e universidades. Por isso era exclusiva dos que frequentavam tais instituições. Em contrapartida, a pequena tradição era propagada informalmente, na igreja, na praça e no mercado, estando aberta a todos. Para a maioria, a cultura popular era a única e se exprimia através do dialeto regional, ao passo que a minoria constituída pela elite conhecia o escrito e o oral, bem como o latim, ao lado de alguma forma literária do vernáculo além do dialeto local (VASSALLO, 1993, p. 46).

A partir disso, é possível denotar que a literatura popular possui uma pluralidade de fatores culturais, já que comportava a participação de ambas as tradições, tais fatores combinados resultam em uma relação cultural riquíssima, entendendo essa multiplicidade pode-se compreender melhor o universo da literatura de cordel.

São várias as denominações atribuídas às produções populares, justificado pelo fato de que a sua difusão não ter ocorrido apenas no Brasil, mas que tal fenômeno também ocorriam em países europeus. Algumas nomeações ressaltadas por Proença (1982, p. 30) corroboram com as diferentes nomenclaturas dadas para este tipo de manifestação artística popular, como *littérature de colportage*, na França; *pliegos sueltos*, na Espanha; “folhas soltas” ou literatura de cordel, em Portugal.

Dessas denominações, segue sendo utilizado no Brasil até hoje “literatura de Cordel”, expressão utilizada primeiramente em Portugal e adotada posteriormente também pelo Brasil, portanto apreende-se que o seu surgimento está diretamente ligado à Europa, onde se popularizou as “folhas soltas”, em Portugal, por volta do século XVII. Além da nomenclatura, a aproximação do nosso cordel com a literatura popular praticada em Portugal traz à memória aspectos de uma cultura realizada em praça pública, caracterizada de forma cômica. Tais aspectos comungam com a realidade do sertão. Para Marques (2014, p.34):

A visão carnalizada do mundo, amalgamada às novas condições climáticas, econômicas e socioculturais, tornar-se-ia mais um elemento na formação do espírito satírico como mecanismo social de resistência, espécie de lentes com que o nordestino passaria a ver e interpretar o mundo e seus acontecimentos. Basta pensarmos nas manifestações culturais do Judas, o pau de sebo, o circo, o Carnaval, as quermesses no adro da igreja, as feiras dominicais realizadas na praça do mercado municipal, e sobretudo, a literatura de cordel (MARQUES, 2014, p. 34).

Nesse contexto, a literatura de cordel, para o povo nordestino, tem um importante papel de transmissão de valores, de mitos, de histórias, de fantasias que a caracteriza como principal registro popular para o povo brasileiro. Atentando-se não apenas ao aspecto popular, mas em conjunto com o poético e o histórico, a literatura de cordel torna-se fantástica, reunindo em seus poemas um misto de memória e registro da história brasileira, que se particulariza,

principalmente, por exprimir o riso, os costumes, a história, e os sonhos do povo nordestino. Por meio do riso e da carnavalização, traz à memória uma cultura arcaica ressignificada na história e vivência do nordestino.

De origem portuguesa, a literatura de cordel tem origem, principalmente, nos trovadores medievais dos séculos XII e XIII, que cantavam cantigas, espalhando histórias para a população. O gênero possui similaridade com a poesia dos repentistas, que se utilizam das formas rimadas como técnica de memorização para lembrar dos eventos narrados e possibilitar o entendimento das pessoas mais simples, majoritariamente analfabetas. Com os avanços tecnológicos, no período do Renascimento, ocorreu as primeiras impressões em papéis, e os textos que até então eram apenas cantados começaram a ser veiculados de forma impressa. Foi, portanto, no cenário renascentista da Europa no século XVI, com o advento das obras tipográficas, que ocorreu a transição dos manuscritos para a cultura dos impressos.

Contudo, a literatura popular tem sua origem na oralidade. As tradições orais que desembarcaram nas nossas margens desempenharam um importante papel na história da literatura de cordel, que influenciada por cantorias, contos e narrativas contadas de boca em boca, torna-se herdeira indireta dessa tradição. A partir dessa influência surgiram os primeiros folhetos nordestinos. Apesar de ter sua base na poética oral e se assemelhar à literatura popular portuguesa pela perspectiva da poesia (rimas, métricas, ritmo), desenvolve a forma impressa. Esse tipo de produção possibilitou uma maior disseminação de informação, mesmo sendo veiculada no modo impresso não deixou de ser proferida na oralidade, os mesmos textos eram ainda lidos em voz alta nas praças, conforme tradição medieval, e depois vendidos nas ruas.

Segundo Vassallo (1993, p.55), ainda no século XVI, se acentuava um forte papel da literatura oral, pois mesmo com a veiculação do livro, o modo oral não deixou de ser divulgado devido ao grande público popular. O livro era, nesse tempo, uma peça rara e cara, por isso era instrumento dos mais favorecidos, os letrados das classes dominantes. Assim, a venda dos folhetos se propagava cada vez mais, cujos textos vendidos alcançam não apenas a elite, mas também a classe popular e um dos motivos era o preço acessível a toda a população, ou seja, “os folhetos, preso à cordéis, são vendidos a baixo [sic] do preso na rua, ao público popular, que tinha seus escritores próprios, fornecedores da literatura, como Baltzar Dias, o famoso cego de feira português” (VASSALLO, 1993, P.55). Desta forma, percebe-se claramente uma oposição entre oral/escrito e popular/erudito, que se reforçam com a intensificação da produção do livro escrito, sendo este ainda privilégio apenas da classe dominante, por causa do alto custo. No entanto, os cordéis vão se popularizando cada vez mais por ter um baixo custo, com as diversas histórias narradas e rimadas.

A literatura produzida pelos poetas populares nordestinos apresenta em seu repertório poético muito da mentalidade do povo ibérico, advindo do período medieval. Temáticas relacionadas com guerras, heróis e exaltação aos valores morais, sociais e religiosos se incorporaram, ao longo dos séculos, e uma diversidade de histórias de diferentes povos estão presente na memória do povo, legando uma herança que sobrevive até os dias de hoje. Dentre essas temáticas se sobressai o tema de religiosidade, servindo de inspiração para os poetas descreverem em seus cordéis caminhos de elevação espiritual, demarcando sempre a busca pela perfeição através da fé.

“A intenção da Igreja Católica no período medieval era que os indivíduos ainda em vida começassem a estabelecer um laço estreito entre suas vidas e o que seria o julgamento de Deus, prevenindo-se assim das consequências” (CODES, 2017, p. 115). Os sujeitos da Idade Média viviam uma vida cristianizada, essa mentalidade cristã alcançou a cultura brasileira e está representada pela poesia popular, no cordel. Os valores religiosos são abordados com bastante frequência na poesia popular nordestina. Como instrumento educativo, busca indicar direção aos sujeitos na terra, fornecendo-lhes uma orientação espiritual. Assim, as diferentes representações do catolicismo popular sertanejo abordam, em seus folhetos, temas relacionados a santidades e demônios próprios da crença do povo nordestino, mantendo uma ligação de modo particular com a cultura medieval.

Arelado à religião, encontram-se elementos de metamorfose em diversos cordéis brasileiros, os quais retratam as mais variadas transformações que podiam ocorrer com os seres humanos, muitos por desobedecer aos valores cristãos eram castigados a perder a forma humana e ao se metamorfosear em animais. Essas narrativas partem da sabedoria popular e, mesmo que não tenham como ser comprovadas, são transmitidas através da literatura de cordel, por exemplo, a história do lobisomem. Desta mesma forma, no período medieval, ocorriam essas transformações para mostrar “o perigo que se impõe ao homem de assumir, momentânea ou irremediavelmente, uma natureza animal diabólica em detrimento da sua natureza humana” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 115). Isto está implicado nos valores morais e condutas de comportamentos que, se contrariados, lhes retornariam em forma de castigo para servir de ensinamento a outros indivíduos, o castigo seria o sinal visível que os diferencia, afastando-os do convívio social.

As histórias heroicas envolvem sempre a temática do amor cortês, uma característica recorrente do medievo, tipo de amor que idealiza a mulher amada. Por meio da idealização apreende-se um amor equiparado ao divino. Nesse contexto, a mulher também é igualmente retratada nas narrativas populares do povo sertanejo, representadas, em grande parte, como

princesas. O amor cortês atendia aos ideais cavaleirescos do herói medieval europeu e se ressignificou na constituição do herói cordelístico, recriado como um herói medieval nordestino. A representação do herói no cordel, além de tratar dessa relação com a amada, também traz um tipo heroico que carrega um perfil misto de bandido e lutador pela justiça. Por exemplo, a figura do cangaceiro também conhecido como rei do cangaço, o temido lampião. Tal representatividade é considerada uma variação do cavaleiro medieval, que além da vassalagem amorosa na valorização da mulher, respeitando os ensinamentos cristãos, também continha as virtudes de um herói viril que corria em busca de um ideal de justiça.

No período medieval, a Literatura Portuguesa oscilava entre o lirismo e a sátira. Em virtude desse desdobramento, a poesia trovadoresca ganhou notoriedade por abordar em suas produções poéticas esses dois gêneros: o lírico amoroso e o satírico, tais produções consistiam em uma relação estreita entre a poesia, a música, o canto e a dança, a partir dessa aliança surgiu o nome cantiga. No Brasil, paralelo a esse tipo de literatura está a literatura de cordel, nela os cordelistas, além de abordar o tema amoroso, utilizam a poesia cordelística para divulgar fatos sociais, políticos e econômicos, assim como acontecia na Idade Média com os trovadores.

Haja vista o contexto histórico em que as cantigas se inserem, da literatura ibérica, a língua empregada nas cantigas medievais era o galego-português, devido à unidade linguística entre Portugal e Galiza. Nas manifestações culturais circulavam as diversas camadas sociais (popular e erudito), e dada à condição de espetáculo em praças e locais públicos, a língua presente nas cantigas mantinha uma ligação próxima da língua que era falada normalmente, a fim de facilitar a comunicação. Tal como nas cantigas, no Brasil, os cordéis nordestinos também mantêm uma proximidade com a oralidade, uma linguagem informal com traços peculiares da região, uma vez que o Nordeste é referência em literatura de cordel.

O tempo passou, mas ainda é possível perceber traços do medievo, como num resgate temático do passado heroico dos países europeus na literatura de cordel, que faz de suas histórias palco de grandes aventuras, histórias cristalizadas no imaginário popular e passadas de geração em geração. Dessa forma, percebe-se o quanto a literatura de cordel está relacionada com o período medieval. O cordel chega no território brasileiro com os colonizadores, com os imigrantes saudosistas e romanceiros que fazia da literatura um alento para suas dores, assim são os cordéis brasileiros.

Levando em consideração os intertextos entre a literatura popular nordestina e a literatura medieval portuguesa, é possível considerar a proposição de analogia, em termos de léxico, entre a linguagem dos cordéis e a língua arcaica medieval, como bem afirma Vassallo (1993, p. 50) a “(...) literatura de cordel nordestina, que além de se ater à oralidade guarda

muitos traços medievalizantes (...)”. Contudo, antes de apresentarmos esses traços residuais na literatura de cordel, faremos uma descrição a respeito da linguagem nordestina, evidenciando a residualidade do período medieval, pois além dos valores e crenças e costumes herdados, o português arcaico ainda assume uma presença fortíssima no linguajar nordestino.

2.4 O léxico da linguagem nordestina: vestígios de um português arcaico.

A cultura ibérica encontra-se viva em muitos termos do nosso português brasileiro, sobretudo, na cultura e no linguajar nordestino, resíduos que permanecem até hoje vivo na memória do povo e são facilmente percebidos na oralidade. Conforme explicitado por Marroquim (1934, p. 125) a variação do dialeto nordestino possui tríplice origem

1.º O português arcaico. É a contribuição da língua introduzida no século XVI, com o descobrimento e que deixou enquistadas no falar do povo inúmeras palavras e expressões hoje arcaicas no português.

2.º A derivação e a composição dialetais. O dialeto herdou do português essa faculdade genial de enriquecimento pela tematologia.

3.º A contribuição estrangeira. O tupi e as línguas africanas enchem esse quadro dialetal com uma quantidade enorme de termos que dizem respeito à geografia, fauna, flora e também a usos e costumes (MARROQUIM, 1934, p. 125).

Essa contribuição relaciona-se com o contexto da colonização do Brasil. Quando os povos europeus chegaram no território brasileiro aportaram suas ancoras primeiramente no litoral nordestino. Estes povos traziam consigo a língua portuguesa, língua esta que aos poucos foi adequando-se aos novos costumes fonéticos encontrados na região e recebendo novas influências de termos de origem indígena e mais tarde de origem africana. No entanto, a medida que ia ocorrendo a exploração do Brasil adentro, o nordeste foi ficando restrito e com pouco fluxo de imigrantes, fazendo com que essa modalidade de língua transplantada fosse mantida quase sem ser modificada, diferenciando-se da região Sudeste, onde havia o contato com povos de outras línguas e, progressivamente, ia ocorrendo a evolução da língua portuguesa, enquanto no Nordeste prevalecia vestígios da língua ainda dos primeiros colonos.

Nitidamente, percebe-se uma acentuada diferença entre o português brasileiro e o português de Portugal. A língua brasileira possui uma maneira distinta, que particulariza o nosso jeito de falar e as diferenças regionais dentro do país, haja vista que foi acrescentando-se inovações próprias, como empréstimos de itens da língua indígena e traços herdados da linguagem dos escravos, somando-se aos vários sotaques de imigrantes europeus, tudo isso acarretou uma discrepância entre o Brasil e Portugal, no que se refere à língua portuguesa.

Na região nordeste, especificamente, encontramos uma linguagem particular que o diferencia, principalmente da linguagem sulista, um dos motivos é a conservação de traços pertencentes a uma linguagem quinhentista. Segundo o estudioso Marroquim (1934, p. 139) um vasto “(...) numero de palavras da lingua arcaica vivem ainda hoje em uso na lingua popular do nordeste. Transmitidas pela tradição oral, teem se conservado, resistindo à natural evolução do português”. O autor ainda pondera que esses resíduos se conservaram devido ao não movimento imigratório para a região Nordeste, com isso a língua fica intacta a influências externas, sofrendo apenas mudanças fonéticas naturais e reitera que esses vestígios arcaicos podem ser encontrados nos campos lexicais, semânticos e sintáticos.

No campo da sintaxe se processa até os dias de hoje, no dialeto do matuto, aspectos linguísticos que fogem às regras firmadas. Aspectos esses que divergem da norma padrão e que refletem na vida do indivíduo, pois, claramente, há uma convivência entre a língua escrita (o português europeu) e a falada (as diversas formas que surgem no Brasil, a exemplo da língua geral), dois polos que se repelem entre si. Corroborando com essa afirmação, Marroquim (1934, p. 12) esclarece que “na linguagem cotidiana todos falam a nossa verdadeira lingua, a nossa saborosa língua brasileira, com a sua prosodia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e sintaxe bem nossas”.

Aos poucos com as mudanças político-sociais, o povo brasileiro foi se moldando e criando traços linguísticos característicos de uma modalidade de português distanciada do europeu e, conseqüentemente moldando elementos gramaticais condizentes com o nosso meio social. Em muitos pontos, a linguagem brasileira se diferencia da lusitana e isso não é diferente nos aspectos sintáticos da língua. De acordo com Marroquim (1934, p. 161), “a luta entre a língua culta e o dialeto se processa no campo da sintaxe. A primeira recebe o lexico variadissimo de uso popular, como um enriquecimento vocabular aproveitavel e aproveitado”. O fato é que a nossa língua há muito tempo conquistou traços próprios, no entanto, na escola o que se aprende é o português de Portugal, pontua o autor.

Não diferente ocorre com os campos da semântica, da fonologia e da fonética. “A pronuncia do nordestino é a que carateriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a prosodia lusitana, aspera e enérgica” (MARROQUIM, 1934, p. 21). Com isso, percebe-se a oposição da pronúncia entre a fala nordestina do Brasil e a do português de Portugal e, deste modo, mesmo que haja especificidades em outros campos da língua, pode-se dizer que é, sobretudo, nos aspectos fonéticos-fonológicos que se encontra, na linguagem matuta, uma vasta variedade de marcas distintas. O universo semântico encontra-se muitas vezes resguardado a significados de um

português arcaico, Teyssier (1997, p. 108) cita como exemplo de brasileirismo a palavra *salvar* empregado na linguagem popular com valor semântico de *saudar*, representando um arcaísmo português. Tal conservação vem de formas originárias do século XVI e caracteriza na linguagem nordestina um retrato de um português arcaico falado na Idade Média.

O eixo lexical de uma língua é tido como um retrato do seu tempo, pois permite aos falantes exprimir suas ideais de geração em geração. Em níveis de língua, o léxico é o que mais recebe influências externas, dado que ele é responsável por eternizar a herança cultural de uma sociedade. É, portanto, na função vocabular de uma língua que o léxico perpetua signos linguísticos, atuando, concomitantemente, como agente transformador e gerando novas marcas conforme as situações com que se depara, ao passo que as mudanças ocorrem devido o contato com outras culturas. As alterações na língua reagem num processo em que signos desaparecem e outros novos surgem. Assim, considera-se o léxico uma entidade dinâmica, ou seja, que se modifica de forma contínua.

Quando se reporta à região nordeste e observa-se a linguagem do povo nordestino, é possível encontrar a nível de léxico uma grande fonte de traços herdados do vocabulário de origem tupi e africana. Referente à contribuição do tupi para o dialeto, registram-se, principalmente, palavras originárias da flora e da fauna, por exemplo, *mandioca e sagui*, respectivamente. Teyssier (1997, p. 109) pontua que algumas palavras de origem indígena são empregadas como locuções familiares: “ex: *andar na pindaíba, estar de tocaia, cair na arataca*”. Essa exemplificação é muito comum na fala do nordestino corriqueiramente, ouve-se/fala-se muito a expressão “andar na pindaíba”, que quer dizer estar sem dinheiro. Logo, a palavra pindaíba é o nome de uma árvore e vem do tupi, dela é retirada a vara para pescar. Já o vocabulário de origem africana, segundo Teyssier (1997, p. 110)

Duas línguas africanas tiveram um papel importante no Brasil: o ioruba (falado na Nigéria) e o quimbundo (falado em Angola). O ioruba está na base de um vocabulário próprio à Bahia, relativo às cerimônias do candomblé (por ex: orixá) ou á cozinha afro-brasileira (ex.: vatapá, abará, acará, acarajé). O quimbundo legou ao Brasil um vocabulário mais geral, quase sempre integrado a língua comum (ex.: caçula, cafuné, molambo, moleque) (TEYSSIER, 1997, p. 110).

Corroborando com essa perspectiva, Marroquim (1934, p. 159) nos apresenta uma listagem com inúmeras palavras que sobreviveram do tráfico negreiro. Uma em específico elucida bem a contribuição africana no dialeto matuto, o apelido Zumba que hoje é “hipocarístico de José, ao lado de Zé, Zézinho, Zéca, Zézé, Zequinha, Dedé e mais raro, Zéquito”, segundo o autor esse apelido vem do nome Ganazumba (zumba), que era um grande chefe entre os negros. Assim, percebe-se que a influência africana é fundamental na formação

do português brasileiro e suas contribuições culturais estão presentes na dança e música (maracatu), na religião (Candomblé) e na culinária (mungunzá).

Nesse contexto, para atender o objetivo dessa pesquisa, percebe-se que a literatura de cordel desempenha um importante papel na cultura e sua linguagem representa popularmente o povo nordestino. Nela está presente um vasto repertório lexical que representa, dentro dos moldes da comunicação, marcas sociais e culturais da comunidade que a utiliza. Com isso, evidencia-se que o léxico que ali se encontra facilita o vínculo entre a história, a memória e a cultura do povo nordestino. Diante disso, acredita-se que existe no linguajar nordestino um conservadorismo de termos lexicais advindos de um português medieval. A próxima etapa de pesquisa estabelece a análise entre os cordéis tradicionais e textos arcaicos para evidenciar esse residual arcaico ainda tão vivo na linguagem do Nordeste, residuais lexicais em termos de nomes e verbos da região apresentada.

3 ANÁLISE COMPARATIVA: TEXTOS ARCAICOS E CORDÉIS TRADICIONAIS DO NORDESTE.

Ao longo desse trabalho, empreendeu-se uma discussão sobre a linguagem brasileira conter reminiscências do período medieval. Com base nisso, esta pesquisa empregou o método de análise histórico-comparativo, a fim de identificar, no campo lexical, as semelhanças entre alguns textos arcaicos e cordéis tradicionais do Nordeste, com o objetivo de corroborar com a hipótese conservadora da formação do português brasileiro, a qual considera como base substancial do nosso português o patrimônio linguística da transplantação do português europeu para o Brasil, nas primeiras fases da colonização. Para isto, sob o viés de um estudo comparativo, o *corpus* foi constituído por duas cantigas trovadorescas⁴, dois manuscritos em prosa da literatura portuguesa e dezesseis cordéis⁵ tradicionais do Nordeste.

Os textos escolhidos em português arcaico pertencem a escritos da Idade Média e apresentam uma linguagem muito próxima da escrita fonética, ou seja, a escrita em sua modalidade coloquial. Recorreu-se a estes textos arcaicos por eles apresentarem um vocabulário rico e importante para estudos referentes ao período histórico do português medieval. No que concerne à seleção da literatura de cordel, considera-se uma diversidade de cordéis, julgando a quantidade necessária para uma concretização satisfatória da nossa pesquisa.

3.1 Descrição do *corpus* da pesquisa e vocábulos selecionados.

A descrição do *corpus* apresenta as obras selecionadas abordando o seu contexto histórico, gênero e finalidade.

As cantigas trovadorescas pertencem ao primeiro movimento literário português que surgiu na Península ibérica, o Trovadorismo, tendo seu auge no século XII até meados do XIV. São textos exclusivamente poéticos recitados com o acompanhamento de instrumentos musicais e suas composições estão classificadas em dois gêneros: lírica amorosa e satírica. As cantigas líricas são subdivididas em cantigas de amor e de amigo, já as cantigas satíricas se subdividem em cantigas de escárnio e de maldizer.

⁴ As cantigas trovadorescas selecionadas encontram-se no livro (cantigas trovadorescas) publicado em 2014 pela editora Melhoramentos com ilustrações de Kris Barz. Nele estão reunidas cantigas líricas amorosas, de escárnio e de maldizer.

⁵ Os cordéis selecionados estão disponíveis para consulta online no site da Casa Rui Barbosa (www.casaruibarbosa.gov.br). O acervo de literatura popular em versos conta com mais de 9.000 folhetos de cordel digitalizados formados a partir de 1960.

A primeira cantiga medieval selecionada intitula-se “No mundo non sei parelha”, do trovador Paio Soares de Taveirós, também conhecida como “cantiga de Ribeirinha”. Mesmo sem ter uma data exata de sua escrita é considerada o primeiro documento literário escrito em Portugal, em torno de 1189 ou 1198. Caracterizada como cantiga híbrida, havendo características que a insere no grupo de cantigas líricas amorosas, nesse caso cantiga de amor, e de cantigas satíricas (escárnio e maldizer). Geralmente, as cantigas de amor contêm uma declaração de amor e expressa uma grande coita (sofrimento) de seu sentimento. A segunda, por sua vez, é uma cantiga de maldizer do trovador Martim Soares, “Cavaleiro, com vossos cantares”. Esta cantiga satiriza ferozmente o canto de outro trovador, censurando-o ao dizer que o cavaleiro-trovador infringia o modelo poético e, desta forma, seus cantares não eram bons. As cantigas de maldizer são assim classificadas, porque detêm um caráter crítico, satirizando de forma direta e, muitas vezes, agressiva.

Os dois manuscritos em prosa da literatura portuguesa selecionados foram “*A Demanda do Santo Graal*”⁶ e o “*Orto do Esposo*”⁷. O texto literário medieval “*A Demanda do Santo Graal*” faz parte de um importante conjunto de lendas arturianas, escrita entre 1230 e 1240, integrando um ciclo de narrativas designado por Pseudo-Boron (nome derivado do seu suposto autor- Roberto Boron), mais recentemente conhecido por ciclo Post-Vulgata⁸. A versão em português encontra-se no códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, um pergaminho datado no século XV, manuscrito que segundo Magne (1944, p. 23) “parece igualmente que foi copiado a um texto de época anterior, o qual não seria por sua vez o manuscrito original”.

A Demanda do Santo Graal é uma novela de cavalaria muito representativa da literatura Arturiana em Portugal. É época em que a igreja católica se empenhava em estabelecer seu domínio e impor valores morais e cristãs, sendo, portanto, uma grande influenciadora do pensamento social e cultural. Por isso, as narrativas medievais são dotadas de forte teor religioso, as quais tinham por finalidade, especialmente, evidenciar a moral e os bons costumes, conforme a valoração cristã pregado pela igreja. Esta obra traça as aventuras e proezas dos cavaleiros da tábua redonda do rei Artur, contendo diversos episódios que auxiliam a compreensão da relação dos homens entre si e com Deus no período medieval.

O manuscrito em questão é preponderantemente fundamentado na tradição cristã ao associar o Graal ao cálice da santa ceia, representação da paixão de Cristo. Por esta razão, todos

⁶ Edição de Augusto Magne, Vol. 1, publicada em 1944.

⁷ Edição crítica de Bertil Maler, vol. 1, publicado em 1956.

⁸ Post-Vulgata trata-se de uma remodelação do ciclo arturiano, empreendida por um escritor anónimo entre os anos de 1230 e 1240.

os desdobramentos das ações e aventuras realizados pelos cavaleiros para recuperar o Graal perdido vai ao encontro dos valores e conceitos ligados à ação eclesiástica. Apenas um cristão perfeito, sem pecados e casto, conseguiria recuperar o santo vaso, virtudes estas aludidas ao cavaleiro Galaaz, modelo de coragem, honra, pureza e defensor da fé cristã, tipo de cavaleiro impecável ao olhar dos paradigmas cristãos.

O “*Orto do Esposo*” é uma prosa religiosa escrita em português arcaico, em transição do século XIV para o século XV, por um monge anônimo do Mosteiro de Alcobaça, com grande circulação em instituições religiosas da época. Da referida obra existem dois manuscritos arquivados na Biblioteca Nacional de Lisboa, um escrito na primeira metade do século XV e o outro nos finais deste mesmo século. “Os manuscritos oferecem quase exatamente o mesmo texto, reduzindo-se as diferenças praticamente a meras variantes ortográficas ou fonéticas” (MALER, 1956).

Trata-se de uma prosa literária quatrocentista de doutrinação cristã, considerada uma literatura *exemplar* (gênero literário medieval), ou seja, é um texto que aborda uma teoria baseada na bíblia, uma teoria do pecado, particularmente, dos sete pecados capitais. As reflexões moralizantes estão dispostas no texto “(...) com inesgotável fartura de exemplos, utilizando para isto a história profana, apólogos, a novelística oriental, moralistas filósofos, críticos dos costumes, de mistura com o *Flos Sanctorum*⁹, Plínio¹⁰, os Padres do deserto¹¹, bestiários medievais¹² etc.” (MALER, 1956). Por meio de *exempla*, o autor expressa o pensamento ideológico cristã ibérico, defendendo a renúncia aos prazeres mundanos e, principalmente, da carne, que resultaria na salvação para a vida eterna.

Descrita as obras medievais nos deteremos, a partir desse momento, de forma breve, situar quanto a escolha dos folhetos literários. Para fins de nossa pesquisa, a nível comparativo, escolhemos autores da primeira e da segunda geração de poetas de cordel. Os poetas da primeira fase da literatura de cordel ingressaram nessa atividade entre 1893, ano que começou a produção e circulação em forma de folhetos, e 1930. A segunda fase corresponde a poetas que entraram nesse ramo a partir de 1930, quando a rede de produção estava consolidada.

⁹ *Flos sanctorum* (Flor dos santos) é um documento do século XV, com caráter hagiográfico. O teor das narrativas discorre sobre a vida e feitos de diversos santos e mártires.

¹⁰ Caio Plínio Segundo também conhecido como Plínio, o velho. Filósofo e naturalista e sua principal obra foi a “*História natural*”, uma vasta compilação das ciências antigas distribuído em 37 volumes.

¹¹ Grupo de eremitas e monges do século IV que se estabeleceram no deserto egípcio, constituindo as primeiras práticas monásticas.

¹² Trata-se de códices escritos por clérigos que reuniam informação sobre animais reais e fantásticos e detinham um aspecto moralizante. Esta tradição bestiária teve início no século XII.

Com uma seleção ampla, nossa análise parte de folhetos de vários cordelistas nordestinos. Entre eles, temos *Leandro Gomes Barros*, considerado o pioneiro, o rei dos poetas do seu tempo; *Francisco das Chagas Batista*, poeta popular, escritor e editor; *João Melquíades Ferreira da Silva*, um contador e poeta de grande renome na literatura popular; *José Camelo de Melo Rezende*, um importante cordelista Paraibano, ao mesmo tempo, um grande cantador e *Antônio Ferreira Cruz*, além de poeta, um dos maiores cantadores de sua época, embora seja autor de inúmeros folhetos, ficou reconhecido como um grande glosador em decassílabos; tais autores pertencem à primeira geração de poetas cordelistas. Da segunda fase, temos os seguintes poetas: *João Martins de Athayde*, poeta e editor, um dos maiores divulgadores da literatura de cordel produzida no Brasil do século XX; *José Pacheco*, um dos poetas mais satíricos do Brasil com suas histórias de gracejos; *Gonçalo Ferreira*, além de poeta é contista e ensaísta, bastante prestigiado pelo domínio da forma e beleza das imagens em sua obra poética; *Minelvino Francisco da Silva*, um dos poetas populares e xilógrafos mais talentosos e *Rodolfo Coelho Cavalcante*, cordelista e editor de folhetos brasileiros.

A produção cordelista é muito vasta e comporta uma diversidade de temáticas. Dos folhetos selecionados, os temas perpassam por romances com história de amor e aventura, humor e peleja que se caracterizam em disputas entre os cantadores, bem como cangaço e credices populares típicas da região nordeste (costumes, religião) e etc. Vale salientar que o objetivo principal de estudo não deverá recair na análise literária ou temática dos textos que compõem essa parte do *corpus*, o recorte analítico será linguístico, com ênfase no vocábulo, particularmente aqueles que possuam traços de semelhança com o léxico do português arcaico.

Desta forma, tendo em vista a linguagem empregada nos manuscritos medievais, que vinculam a sonoridade com a ortografia, linguagem essa de difícil compreensão, muitas vezes, do leitor contemporâneo, das peculiaridades do português arcaico. No entanto, mesmo enfrentando esse tipo de resistência, tais manuscritos são considerados verdadeiros tesouros linguísticos, porque carregam em sua linguagem arcaísmos significativos. Sendo, portanto, fontes de diversos estudos no campo da linguística histórica. Estudos estes que buscam, em sua maioria, explicar as particularidades da língua portuguesa do Brasil. Assim, é aventurando-se nessa linguagem arcaizante que tomamos como objeto de estudo diversos vocábulos arcaicos, ao mesmo tempo tão próximos e distantes de nós, para elucidar vestígios arcaizantes no português brasileiro/nordestino, vocábulos que transcorreram os séculos e se fazem presente corriqueiramente na fala e na literatura popular, sobretudo, do nordestino. A seguir, um quadro ilustrativo, contendo os pares de vocábulos (Texto arcaico-Cordel tradicional) e subsequente a isso, a análise comparativa.

Quadro I- pares de vocábulos

VOCÁBULOS	MANUSCRITO/CORDEL/AUTOR
Milhor Milhor	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: doutores de 60/Leandro Gomes de Barros [s.d.] ¹³
Milhores Milhores	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: Peleja de Luiz Alves com José Pacheco/José Pacheco [s.d.]
Ajuntar Ajuntar	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: Estória do valente sertanejo Zé Garcia/ João Melquíedes Ferreira da Silva. (1979)
Deceu Deceu	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: História de Aprígio Coutinho e Neuza/José Camelo de Melo Rezende [s.d.]
Recibido Recibido	A Demanda do Santo Graal Graal (séc. XV) Cordel: Entre o amôr e a espada/João Martins de Athayde (1947)
Creceu-nos Creceu	A Demanda do Santo Graal Graal (séc. XV) Cordel: Entre o amôr e a espada/ João Martins de Athayde (1947)
Custume Custume	A Demanda do Santo Graal Graal (séc. XV) Cordel: Jeca na praça/João Martins de Athayde (1975)
Valha Valha	A Demanda do Santo Graal Graal (séc. XV) Cordel: A História de três irmãs que queriam casar/ Antônio Ferreira da Cruz (1977)
Despois Despois	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: Mulher no lugar do homem/José Pacheco [s.d.]
Preguntou Preguntar	A Demanda do Santo Graal (séc. XV) Cordel: Que eu vi no engenho velho/Rodolfo Coelho Calvacante (1949)
Minino Minino	Orto do Esposo (séc. XIV-XV) Cordel: Terras de São Saruê/Minelvino Francisco da Silva [s.d.]
Pidindo Pidindo	Orto do Esposo (séc. XIV-XV) Cordel: História do Martir Tiradentes e a Desdita de Marília/Minelvino Francisco da Silva [s.d.]
Derradeyro Derradeiro	Orto do Esposo (séc. XIV-XV) Cordel: Dimas o bom ladrão/Francisco das Chagas [s.d.]
Queentura Queentura	Orto do Esposo (séc. XIV-XV) Cordel: História do caçador que foi ao inferno/José Pacheco [s.d.]
Alumea Alumia	Orto do Esposo (séc. XIV-XV) Cordel: História da donzela Theodora/João Martins de Athayde (1947)
Parelha Parelha	Cantiga Trovadoresca: No mundo nom sei parelha/Paio Soares de Taveiros (por volta de 1198) Cordel: História da Moça que foi enterrada viva/João Martins de Athayde (1975)
Benquisto Benquisto	Cantiga trovadoresca: Cavaleiro, com vossos cantares/Martim Soares (entre XII e XIII) Cordel: Arquimedes/Gonçalo Ferreira da Silva (1990)

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

3.2 Processo comparativo: análise do *corpus*

Nesse segmento, analisamos os vocábulos selecionados, num total de dezessete arcaísmos, dos quais dois foram retirados de duas *cantigas trovadorescas* (um em cada), cinco vocábulos na obra “*Orto do Esposo*” e dez na obra “*A Demanda do Santo Graal*”. Paralelo a isso, selecionamos esses mesmos vocábulos na literatura de cordel praticada no Nordeste brasileiro, como demonstrado no quadro supracitado. Para a análise comparativa dos termos

¹³ Alguns dos cordéis selecionados não estão datados. Estima-se que são escritos do século XX [20--?].

lexicais contidos nos textos arcaicos e nos cordéis, mencionamos trechos das obras em questão, comparando as similaridades entre os vocábulos, diante das curvas do processo de evolução do português brasileiro, especificamente, da língua do Nordeste, fazendo uso da descrição etimológica da palavra e do sentido empregado, a fim de constatar a hipótese de que esses falantes conservam, no nível lexical, a linguagem trazida pelos colonizadores. Para isso, tomamos como base os estudos de Marroquim (1934), que elaborou um ensaio sobre o dialeto nordestino. Sua obra é um verdadeiro tratamento linguístico, amplo e de grande relevância para estudos voltados para essa área. Vejamos:

Quadro I- vocábulo “minino”

Orto do Esposo (MALER, 1956, p. 332)	Terras de São Saruê- (SILVA, p. 6)
“Oge me ãviou a bêêta uirgem este minino ¹⁴ per dous mãcebos que o criasse”	<p>Minino in são saruê É um bocado engraçado Minino nasce de noite De manhã já tá barbado Meio dia arranja a noiva De tarde já tá casado</p>

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

No quadro acima temos duas ocorrências da palavra *minino*, substantivo que evoluiu para a forma moderna *menino* (criança ou adolescente do sexo masculino). Em ambos os textos a palavra se expressa graficamente igual, mesmo pertencendo a épocas diferentes, apresenta também a mesma pronúncia e denota o mesmo sentido, trata-se de uma criança.

Nem sempre é fácil estabelecer a origem de uma palavra. Machado Filho (2019, p.429) no “Novo dicionário do português arcaico ou medieval” assinala que este vocábulo tem origem controversa. Nele encontramos o vocábulo em questão disposto na forma *meninho*, item lexical antigo que também oscilava para a forma *mininho*, como ocorre atualmente. Esta seria, portanto, uma forma anterior de *minino/menino* com a perda do *nh*. A formação da palavra *menino* apresentada por Nascentes (1955, p. 326) no seu “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”, traz algumas conotações, entre elas: origem latina *minimu* (mínimo), espanhola *miñino* (meu menino).

Marroquim (1934, p. 47) nos diz que isso ocorre, na fala do matuto, porque em posição de *e* átomo pretônico o *e* soa como *i*, ou seja, a partir dos trechos extraídos podemos perceber

¹⁴ Todos os vocábulos em negrito (quadros: II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII), nos textos transcritos, são grifos nossos.

que essa instabilidade não é característica apenas do português atual, mas uma herança do português antigo, por isso é muito importante se voltar para o passado, pois a partir dele conseguimos entender muitos comportamentos e fenômenos que permanecem arcaizados nas línguas modernas. O mesmo comportamento se aplica aos vocábulos *milhor*, *milhores*, *pidir*, *recibido*.

Quadro II- vocábulos “milhor” e “milhores”

A Demanda do santo Graal (MAGNE, 1944, p. 48)	Doutores de 60 (Barros, p.5)	A Demanda do santo Graal (MAGNE, 1944, p. 82)	Peleja de Luiz Alves com José Pacheco (PACHECO, p. 3)
“Ora, sabede que per esta espada será conhecido o milhor cavaleiro do mundo (...)”	Disse o chico eu sou dotor Meu nome agora é maior Diz pai José tu agora Ficas de mal a peior Venha a carta e tire chapa Ser ganhador é milhor	“Sabede que todos êstes aqui eram boôs cavaleiros, que nom podia homem achar milhores no regno de Logres, fora se fossem do linhagem de rei Bam.”	P.-Se quiseres ser poeta Milhores a cantoria Agora mesmo vou ver Se tens qualquer theoria: Quero saber quanto é A nona parte de um dia

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Etimologicamente a palavra *melhor* advém do latim *meliore* (NASCENTES, 1955, p. 325). Como podemos ver no quadro III, o vocábulo *melhor-melhores* está grafado como *milhor-milhores* e mais uma vez temos a troca do *e* pelo *i*, empregado tanto no singular quanto no plural. Na fala do nordestino, além desse uso, ainda encontramos outros casos de variação a partir de *milhor*, na verdade, uma redução na pronúncia de consoantes: *milhor-mior* com a perda do *lh*; e de *mior-mió* com a redução do *r*, este fenômeno conforme o linguística Marroquim (1934, p. 77) acontece na língua do matuto com as consoantes *r* e *s* em posição final, caindo invariavelmente. No cordel, “As palhaçadas do cabloco na hora da confissão”, de João Martins de Athayde (1975, p. 15), temos essa incidência: Seu pade eu sei muita coisa/**mió** do que se **rezá**/ Cuma bem, **fazê** badoqui/ fazê pau e **atirá** e fazê pau de cangaia/**tirá** aneia e **caçá**.

Quadro III- vocábulo “pidindo” e “recibido”

Orto do Esposo (MALER, 1956, p. 299)	História do Martir Tiradentes e a Desdita de Marilia (SILVA, p. 18)	A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p.305)	Entre o amor e a espada (MELO, p. 5)
“Mas, em bradando e pidindo espaço, arincarõ-lhe os daibos a alma da carne.”	Pidindo por todos os santos Chorando pra se acabar Falando com o carcereiro Para seu noivo amostrar Que com seu noivo querido Ela queria abraçar	“E el era tam vivo e tam ligeiro, que nom lhes semelhava a eles que era uñ soo homem, mas mais de XX, porque nom havia i tal deles que em pouca de hora nom houvesse já recibido colbe.”	José nisto deu um pulo dizendo ó meu pai querido por amôr de Deus me diga o nome desse bandido que eu prometo-lhe vingar o bofetão recibido

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Como podemos observar assim como nos nomes, os verbos também apresentam a variação do *e* pelo *i*. Tais verbos também são de origem latina: *pedir-petere, receber-recipientia*. Graficamente os pares de vocábulos empregados na obra “*A Demanda do Santo Graal*” e na literatura de cordel encontram-se de maneira semelhante, mesmo distanciando pelos séculos. O uso do verbo *pedir*, nos dois textos, está expresso no gerúndio *pedindo*. A partir desse vocábulo, ainda encontramos outra variação na fala do nordestino: de *pidindo* para *pidino*, ocorrendo um processo de assimilação do grupo *nd*. Ao observar o verbo *recibido* e compararmos com a sua origem latina percebemos uma semelhança na sua raiz etimológica no que concerne a conservação do *i*, essa informação nos dá suporte para compreender vestígios na passagem da evolução da língua portuguesa, que como tal tem grande expressividade, sobretudo, na região nordeste, a qual conservou muitos traços linguísticos dos povos colonizadores.

Quadro IV-vocábulo “custume”

A Demanda do santo Graal (MAGNE, 1944, p. 46)	Jeca na praça (ATHAYDE, 1975, p. 10)
“(…) mais eu houve tam grã prazer da viinda de Lançalot e de seus coirmãos, que me esquecia o custume .”	O << cumpade>> Rumeu conhece bem esta raça por isso disse a mocinha o qui tão dizendo é graça a senhora aguente a mão não quera fazer questão cum os custume da praça

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

A palavra *costume* é originária do latim *Consuetumine* e quer dizer um hábito regular. Assim como na variação da vogal *e* por *i*, também encontramos a troca da vogal *o* por *u*, isso ocorre pelo mesmo processo de neutralização do timbre das vogais átonas. Como podemos observar nos trechos supracitados, a palavra *costume* encontra-se grafada *custume*, palavra esta de pronúncia muito recorrente na modalidade oral do povo nordestino. Um outro dado relevante de mencionar é o nordestino demarcar a marca de plural apenas no determinante, “*os custume*”, os nomes conservam a forma invariável do singular, caracterizando a linguagem nordestina simplificada e uniforme. Tal fenômeno segundo Marroquim (1934, p. 103) é o “(…) mais pessoal e frisante do dialeto popular. Essa ausencia de flexão nominal vai completar-se com a abolição das flexões verbais para dar o cunho característico da concordância linguística do matuto”.

Quadro V- vocábulos “crecer” e “decer”

A Demanda do Santo Graal	Entre o amor e a espada (REZENDE, 1975, p.16)	A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p. 325)	Historia de Aprigio Coutinho e Neuza (REZENDE, p.14)

(MAGNE, 1944, p. 326)			
“(…) e depois que fomos no mar, creceu-nos tam mau tempo e tam grã tormenta, que nos durou XV dias (...)”	Começaram a trocar cartas E assim creceu o namoro e mais tarde todo mundo Sabia que o medico loiro Era então para Rachel Um prestimoso tesouro	“(…) e foi contra lá, ca bem cuidou i achar alguém, e deceu aa entrada, ca se nom visse o que dentro havia, nom se prezava rem.”	Ouvindo o ladrar do cão Aprígio logo voltou Quando deceu a escada O cão a ele avançou Mas ele deu-lhe um bofete Que o cão caído ficou

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

No quadro acima, encontramos a ocorrência da grafia do grupo *sc*, nos verbos nascido do latim *nascere* por *nasci*; e crescer - do latim *crescere* (NASCENTES, 1955). Nos verbos em destaque, tanto nos excertos do manuscrito quanto nas estrofes dos cordéis, há uma simplificação do *sc*, ocorrendo a supressão do *s* na pronúncia e, conseqüentemente, na escrita. Segundo o estudioso Marroquim (1934, p. 87), no português antigo não se grafava *sc*, mas apenas o *c* como é caso de *nacer e crecer* e pondera que o grupo surgiu no código escrito por “(...) influência erudita, para conservar fidelidade às formas latinas”. Portanto, fica evidenciado mais um residual linguístico do português arcaico na língua portuguesa do Brasil.

Quadro VI- vocábulos “ajuntar” e “alumea”

A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p.112)	Estória do valente sertanejo Zé Garcia (SILVA, 1979, p.10)	Orto do Esposo (MALER, 1956, p.46)	História da donzela Theodora (ATHAYDE, 1947, p. 24)
“(…) ir em vossa companha convosco a esta demanda, ataa que a ventura nos parta; e se a ventura nos ajuntar , que me nom tolhades vós vossa companha.”	Se o senhor tem mais cavalos Pode mandar ajuntar Que o touro <<Saia branca>> Minha vontade é pegar pois homem do Seridó não promete p’ra faltar	“E porem diz o salmista: Senhor Deus, a declaraçom das palavras alumea e da entendimento aos paruoos.”	Theodora- Senhor, o sol não tem noite Ao contrário sempre dia, quando sae de uma parte outra parte alumia quando ele vem p’ra cá, a noite lá principia

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

No quadro VII temos os verbos iniciados com *a*, especificamente *ajuntar* (do verbo *juntar*) e *alumea* (do verbo iluminar que vem do latim- *iluminare*), estes que se encontram vivos nos falares regionais, a prova tão abundante é sua presença na literatura popular brasileira. Graficamente nota-se uma discrepância na escrita no verbo de “alumea” para “alumia”, porém mesmo ocorrendo essa oscilação do *e* pelo *i*, a primeira opção também é bastante usual na região Nordeste, com o sentido de iluminar, clarear. Machado Filho (2019,p. 44) nos fornece a informação de que o verbo *alumi*ar vem do latim vulgar (*aluminare*), o que também nos ajuda a entender o porquê da substituição do *i* (iluminar) para *a* (alumiar), tendo em vista que a língua falada no período medieval era derivada do latim vulgar e os textos dessa época eram escritos

baseados na tradição oral. Vale ressaltar que o verbo “alumiari” é dicionarizado (Houaiss e Aurélio), porém faz parte do vocabulário matuto, não apenas do Nordeste, mas também do interior de outras regiões brasileiras.

Quadro VII- vocábulo “preguntar”

A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p. 123)	Que eu vi no engenho velho (CALVACANTE, 1949, p. 2)
“O padre preguntou que eixeco houvera antre eles (...)”	Comecei minha reportagem Preguntei para o doutor: Me desculpe eu preguntar : É comunista o senhor? Respondeu-me ele a sorrir: Não sou homem pra mentir Eu sou um trabalhador!

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Nascentes (1955, p. 391-392), no seu “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”, relata a luz de outros estudiosos o étimo referente ao verbo *perguntar*, forma moderna de *preguntar*, apresentando inicialmente o étimo latino *Percontare* adotado por Diez, A. Coelho e Meyer Lübke. O autor segue discutindo em torno da troca do *c* para *g*, uma vez que não havendo o adiantamento intervocálico, ou seja, *per* por *pre* não seria possível essa troca, logo após, se valendo de G. Viana e Leite Vasconcelos mostra o étimo *precontare*, forma popular e espanhola de *preguntar*, com isso há uma ocorrência de metátese, a mobilidade do *r* dentro das palavras.

Essa, portanto, seria a grafia empregada nos manuscritos antigos da velha língua, como exemplificado no trecho extraído do livro “*A Demanda do Santo Graal*”, essa forma antiga resistindo ao tempo ainda se registra na língua moderna, como elucidado no cordel acima do poeta Rodolfo Cavalcante. Sobre a ocorrência desse verbo representado na escrita da literatura popular, e com mais frequência ainda na fala espontânea do nordestino, Marroquim (1934, p. 58-59) afirma que existe uma confusão no que se refere ao uso dos prefixos *per*, *pre* e *pro*, e que, geralmente, no prefixo *per* há a metátese do *r*, como no caso de *preguntar* (*preguntá*), podendo ainda variar para *proguntar* (*proguntá*).

Quadro VIII- vocábulo “despois”

A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p. 108)	Mulher no lugar do homem (PACHECO, p. 6)
“E porém fizeram tal feito, per que despois Vespesiom os eixerdeu e os destruiu, tanto que êle soube a verdade daquel profeta que eles justiçaçom tam deslealmente.”	O rapaz ficou pasmado Como quem do tino sai Ficou com tanta vergonha Que quase a cara lhe cai Despois de certa demora Ele lhe disse senhora Só me pedindo a papai

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

É fato que algumas formas arcaicas ainda hoje estão vivas em comunidades linguísticas do Brasil, se sobressaindo nos falares rurais do país, como é caso do vocábulo *despois* em destaque em ambos os textos, constituindo uma forma antiga do português medieval, expresso nos dias de hoje, sobretudo, na fala dos matutos, como demonstramos no cordel de José Pacheco. Por ser um arcaísmo está mais próxima do latim, *despois* (depois) vem da locução latina *de post*.

Segundo Nascentes (1955, p. 152) ao lado da locução ainda utilizou-se outra *de ex post*, o que teria originado a forma do português antigo como exemplificado no excerto da prosa medieval “*A demanda do Santo Graal*”, reitera que tal locução deve ter passado por muitas transformações, sem as quais não é possível explicar as formas românicas. Em seguida apresenta o étimo espanhol *después* e o francês *depuis*, chamamos a atenção para os traços semelhantes entre a forma espanhola e a forma arcaica do nosso velho português (*despois*).

Quadro IX- vocábulo “Derradeyro” e “queentura”

Orto do Esposo (MALER, 1956, p. 18)	Dimas o bom ladrão (BATISTA, p. 33)	Orto do Esposo (MALER, 1956, p. 38)	História do caçador que foi ao inferno (PACHECO, p. 4)
“Mais agora, ã este tempo derradeyro , soom êçuyada e fea e corrupta e chea de desonrra pelos masos prelados, e porê pareço asy podre da parte de tras.”	Dimas mandou que os ladrões Fizessem um fogo ligeiro Ordenou que os viajantes Se aqueitassem primeiro Dizendo: quem é de casa Se serve por derradeiro	“E tanta foy a uirtude daquel sangue muy casto, que cõ a queentura do sangue foy tornada a senhora a quẽtura natural (...)”	Quando o cachorro correu Saiu em sua procura Desceu numa gruta funda Mata virgem muito escura Lugar que ninguém sentia Do sol a menor queentura

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

Podemos perceber, após as elucidações empregadas aqui, que o Nordeste é uma região que apresenta em sua linguagem particularidades que o difere das demais, ou seja, apresenta um variadíssimo léxico. Dentro desse contexto, o seu léxico apresenta aspectos conservadores advindos, principalmente, do português falado e documentado do século XV. Como podemos ver os vocábulo *derradeyro* (do latim *derretrariu*), com sentido de último e *queentura* (do latim *calentura*), sentido de calor, coletados no livro o “*Orto do Esposo*”, em paralelo com sua ocorrência também na literatura cordelística. Ao compararmos essas mesmas palavras com os fragmentos retirados dos cordéis, averiguamos que apesar de diferirem um pouco na grafia, o sentido empregado é o mesmo, de “ser o último” e de “calor” (quente).

Quadro X- vocábulo “valha”

A Demanda do Santo Graal (MAGNE, 1944, p. 140)	A história das três irmãs que queriam casar (CRUZ, 1977, p. 32)
“-Senhor, disse el, pêsá-me, assi Deus me valha , ca sodes o melhor cavaleiro que eu sei”	Quem me contou este caso Jurou-me ser verdadeiro, Por isso digo, leitores: Quem quiser casar ligeiro Se valha de Santo antonio Que 1 vintem não é dinheiro

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

No quadro XI, elencamos o vocábulo em destaque *valha*, palavra muito usual na linguagem oral e informal, geralmente, é utilizada em dois sentidos: um com o valor de espanto, susto e até surpresa e outro empregado com sentido de pedir ajuda (sinônimo de acudir no linguajar nordestino). Este é o sentido depreendido nos fragmentos, a partir do emprego dos vocábulos nos textos, percebemos que se trata de um pedido de ajuda. Na obra de caráter doutrinário, *Orto do Esposo*, há um pedido de ajuda a Deus; no cordel, a Santo Antônio, além de estarem grafados de forma igual. Vale mencionar, o teor religioso exposto nos trechos, reforçando o que foi discutido no suporte teórico quando nos referirmos à influência da cultura ibérica na literatura de cordel, no que tange à religião católica. O Nordeste, por sua vez, valendo-se das suas crenças e devoções aos santos.

Quadro XI- vocábulos “parelha” e “benquistô”

No mundo nom sei parelha (TAVAEIROS, XII)	História da moça que foi enterrada viva (ATHAYDE, p.6)	Cavaleiro, com vossos cantares (SOARES, XII-XIII)	Arquimedes (SILVA, p.8)
No mundo nom me sei parelha Mentre me for como me vai, Ca já moiro por vós e ai, Mia senhor branca e vermelha! Queredes que vos retraia Quando vos eu vi em saia? Mao dia me levantei Que vos entom nom vi fea!	O rapaz ficou no quarto do povo se ocultou, quando botaram o almoço então a moça voltou de perêlha com seu noivo ao velho se apresentou.	Benquistô sodes dos alfaites, Dos peliteiros e dos medores, Do vosso bando som os trompeiros E os jogrades do atambores, Porque lhis cabe nas trombras vosso som, Pera atambores ar dizem que nom Acham no mund'outros sões melhores. (116)	Pelo mundo respeitado, Admirado, benquistô , Morre o gênio Arquimedes De talento nunca visto Duzentos e doze anos Antes da vinda do cristo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2020.

O quadro XII traz como exemplos as palavras *parelha* e *benquistô*. O vocábulo *parelha* (do latim *paricula*), que quer dizer pessoa ou coisa que é semelhante a outra. Na cantiga de Paio Taveiros (1ª coluna) emprega o sentido de que nada no mundo ou coisa alguma se assemelha a

ele, enquanto sua vida continuar da forma que se encontra, morrendo de amor por sua senhora, dessa forma, não tem outro igual a ele. No cordel de José de Athayde, o uso do vocábulo *parelha* possui o sentido semelhante, muito característico no Nordeste, que é “um par”, “de casal”, uma pessoa que é igual a outra, que se combinam de acordo com seus comportamentos e atitudes. Essa palavra ainda possui outra variação bastante recorrente na fala do caipira, “*parêa*”, com perda da palatal *lh*, deixando de ser vibrante.

Na cantiga de maldizer de Martins Soares e no cordel de Gonçalo Silva, temos o termo *Benquisto* (significa querido, bem visto, adorado etc.) formado por *bene* + *quisto*, este do latim *quaesitu* (verbo querer), particípio passado *quaerere* (querido). Logo, nos dois textos o seu uso expressa o mesmo sentido, que se trata de uma pessoa muito querida, muito bem vista pelo povo (sociedade). Portanto, do ponto de vista linguístico, observamos comportamentos lexicais comuns com relação à grafia, mesmo o contexto e época serem totalmente distintos, o sentido é semelhante, compactuando com afirmativa empreendida no construto teórico desta pesquisa de que a literatura de cordel contém reminiscências lexicais do português trazido pelos colonos. Ressaltamos que estes vocábulos são dicionarizados e demarcamos que o substantivo *benquisto* é utilizado até os dias de hoje, não sendo, portanto, restrito a linguagem da região Nordeste.

Levando em consideração que a ortografia dos textos arcaicos é essencialmente fonética, isto é, escrevia-se a língua a partir do que se ouvia, configura a escrita desses textos uma grafia muito próxima da fala. Nos manuscritos estudados nesse trabalho tanto as cantigas trovadorescas quanto os textos em prosa comparados com os cordéis analisados ficam, evidentemente, explicitada a profusa variedade de termos arcaizantes detectada em ambos os *corpora*. Os dados revelaram o uso de diversas formas linguísticas ainda recorrente na literatura popular, esta que é a expressão viva do modo particular e despreocupado do linguajar nordestino, e que assim como nos textos da Idade Média é também baseada na tradição oral.

Pode-se, então, a partir da análise comparativa efetuada aqui, depreender que arcaísmos linguísticos do período colonial estão presentes nos falares populares, em pleno curso, nos dias de hoje, alguns sofreram variações, mas preservaram o mesmo valor semântico como é o caso de *parelha/parêa*. Ao analisar os vocábulos coletados, também empreendemos que a pronúncia dos vocábulos comparados nos quadros II, III, IV (*minino, melhor, pidindo, recebido*) são provenientes do português medieval e que se conservaram integralmente no dialeto, constituindo uma herança no repertório linguístico do nordestino. Outro ponto para a aproximação dessas ocorrências é a semelhança das palavras com a sua base etimológica, trazendo em sua forma alguns traços que revelam resquícios da formação do português com outras línguas, como o latim, por exemplo, o verbo *recibido/recipere*-latim, assim observa-se

influências de fatores históricos na constituição do léxico português, deixados na passagem evolutiva da língua portuguesa.

É importante destacar que muitos julgam e até ridicularizam taxando de errado o modo de falar do povo nordestino, contrariando todo o processo histórico que se perpassou nessas terras. Os termos aqui analisados são denotados como arcaísmos que hoje estão fora de uso no padrão culto da língua falada, entretanto ainda estão conservados e vivem no dialeto nordestino, termos julgados de maneira tão discrepante frente à linguagem culta, como o vocábulo *despois* (quadro IX). De acordo com Marroquim (1934, p.41-42), as palavras que parecem alteradas pelo dialeto são resquícios fieis do português quinhentista, em detrimento de condições sociais e geográficas no nordeste, enquanto a culta acompanhava a dupla transformação da língua, o matuto com seu dialeto diferente, perpetuou muitas expressões originárias da Idade Média.

Assim, como discutido na seção teórica empreendida neste trabalho, o contato linguístico entre os povos indígenas, africanos e as várias línguas migratórias, durante o período colonial, resultou na preservação de traços linguísticos da língua falada dessa época, o português arcaico, denotando uma herança para o português brasileiro, nas suas mais diversas regiões. Contudo, se expressa com maior vivacidade na região Nordeste, palco principiante e mais importante para as fases iniciais da colonização das terras brasileiras. Esses resquícios configuram a presença e a interferência do português arcaico deixada por esses colonos. É, portanto, na oralidade, no linguajar particular dos nordestinos que encontramos marcas que evidenciam sua relação com o passado, e representada com grande êxito e valor na literatura popular brasileira. Isso evidencia a “(...) força de resistência da velha língua portuguesa, cujas expressões o meio geografico fez enquistar no nordeste” (MARROQUIM, 1934, p. 51).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutimos, durante todo o processo de construção desse trabalho, foi nas margens da região nordeste que os povos europeus aportaram suas ancoras, fazendo do Nordeste palco de grande concentração para a exploração dessas terras. Questões de ordem geográfica, socioeconômica, cultural e histórica contribuíram para a elaboração dessa pesquisa, resultando em subsídios para compreender quesitos de fatores linguísticos presentes ainda na fala do matuto, particularmente, do caráter conservador de termos lexicais da linguagem trazida por esses colonos.

Decorrente do processo de formação e colonização do Brasil, a língua portuguesa brasileira, através de influências da linguagem empregada pelos povos colonizadores em contato com a dos povos nativos e mais tarde com africanos e povos migratórios, possibilitou a constituição de um variadíssimo léxico e um vocabulário estritamente rural, uma vez que os portugueses que povoaram o Brasil falava a rude língua portuguesa arcaica. Esse conjunto de falares configuraram o país, em especial, a região Nordeste, herdeira direta do português medieval, ocasionando uma diferença linguística entre Brasil e Portugal, relacionada ao processo colonial e as formas evolutivas da língua.

O exame dos manuscritos, *cantigas trovadorescas*, *A Demanda do Santo Graal* e *o Orto do Esposo*, aqui estudados em paralelo com os cordéis tradicionais do Nordeste brasileiro traz à tona muitos traços semelhantes. Pois, como denotado, a literatura popular guarda muito traços medievalizantes, no que se refere à língua e ao resgate temático, com inspirações nas narrativas medievais e o caráter religioso, ao mesmo tempo que está diretamente relacionada com a linguagem peculiar do povo nordestino, preservando a fala coloquial e despreocupada, assumindo características que identificam o dialeto matuto, de modo especial, com o português antigo.

Evidenciou-se, portanto, a partir dos dados analisados, que a presença de vocábulos empregados na língua documentada nos séculos XIV e XV ainda estão em uso no português brasileiro, especificamente, no Nordeste. Os cordéis estudados apresentaram a ocorrência de elementos linguísticos (nomes e verbos) semelhantes à linguagem desses registros antigos escritos no português medieval. Assim, não reconhecer essa relação seria como tentar arrancar da história uma parte da identidade desses povos, que ao longo dos anos foram constituindo o seu léxico.

Portanto, a realização dessa pesquisa atribui um olhar diferente em direção da literatura de cordel, linguisticamente e culturalmente falando, em direção à linguagem nordestina, com

seu vocabulário popular. Logo, é uma arte que tem grande representatividade no Nordeste por influenciar a cultura e por atuar como fortalecedor da identidade do povo nordestino. Nessa perspectiva, o estudo realizado trouxe resultados que podem contribuir para trabalhos vindouros, ampliando e enriquecendo o estudo histórico da língua portuguesa no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, João Martins de. **História da donzela Theodora**. Recife. 1947
- _____, João Martins de. **Jéca na Praça**. Juazeiro.1975.
- _____, João Martins de. **História da moça que foi enterrada viva**. Juazeiro,1975.
- _____, João Martins de. **As palhaçadas do cabloco na hora da confissão**. Juazeiro. 1975.
- BARROS, Leandro gomes de. **Doutores de 60**. Recife. [s.d.].
- BATISTA, Francisco das Chagas. **Dimas o bom ladrão**. [S.l.:s.d.].
- BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Lua Nova, São Paulo. 2007.
- CANTIGAS trovadorescas: Seleção de cantigas. Ilustrações de Kris Barz. **Clássicos Melhoramentos**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Texeira de. **A hora e a vez do português brasileiro**. Museu da língua portuguesa: Estação da luz. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Que eu vi no engenho velho**. Bahia, 1949.
- CODES, Silva Correia de. **Maravilhas do lado de cá do Atlântico: Medievalidades no Nordeste brasileiro através da literatura popular de cordel**. 2017. Tese (Doutorado em história) - Universidade de Pompeu Fabra, Catalunha, 2017.
- CRUZ, Antônio Ferreira da. **A história das três irmãs que queriam casar**. Juazeiro,1977.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel [et al]. **Literatura Popular em Versos: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAGARES, Carlos Xóan. Galego-Português-Brasileiro: os desafios de uma perspectiva histórica integrada. In: LAGARES, Carlos Xóan; MONTEAGUDO, Henrique. **Galego e**

português brasileiro: história, variação e mudança. Niterói: Ed. Da UFF, Santiago de Compostela: USC, 2012. p. 11-33.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coords.). **Dicionário temático do ocidente medieval.** Bauru: EDUSC, 2006.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Novo dicionário do português arcaico ou medieval.** Independent edition. 2019.

MAGNE, Augusto. **A Demanda do Santo Graal.** Ed. Crítica. Rio de Janeiro: INL, 1944.

MALER, Bertil. **Orto do Esposo.** Ed. Crítica. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MARQUES, Francisco Cláudio A. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas:** a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MARROQUIM, Mário. **Língua do Nordeste.** Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1934.

MEGALE, Heitor & TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (orgs). **Por minha Letra e Sinal.** Documentos do Ouro do Século XVII. Cotia, São Paulo, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** 2ª ed. Rio de Janeiro, 1955.

PACHECO, José. **Peleja de Luiz Alves com José Pacheco.** Ceará. [s.d.].

_____, José. **História do caçador que foi ao inferno.** [S.l.:s.d.].

_____, José. **A mulher no lugar do homem.** [S.l.:s.d.].

PROENÇA, Ivan Cavalcante. **A ideologia do cordel.** 3. ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

REZENDE, José camelo de Melo. **Entre o amor e a espada.** [S.l.:s.d.].

_____, José camelo de Melo. **História de Aprígio Coutinho e Neuza.** [S.l.:s.d.]

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Arquimedes.** [S.l.], 1990.

SILVA, José Melquíedes Ferreira da. **História do valente sertanejo Zé Garcia.** [S.l.], 1979.

SILVA, Minelvino Francisco da. **Terras de São Saruê.** [S.l.:s.d.].

_____, Minelvino Francisco da. **História do martir Tiradentes e a desdita de Marília.** [S.l.:s.d.].

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASSALLO, Lígia. **O sertão medieval:** origens europeias do teatro de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.